
Série de Reportagens para TV: Resgate Histórico dos Cinemas de Rua do Recife¹

Maiara CAVALCANTI²
Carolina CAVALCANTI³

Centro Universitário Aeso – Barros Melo, Olinda, PE

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a história dos cinemas de rua da cidade do Recife, com a produção de uma série de reportagens para televisão. Na série Cinemas de Rua do Recife, as reportagens abordam desde o surgimento dos cinemas de rua no Recife, até como se encontram esses cinemas hoje em dia, e a memória afetiva que eles despertam na população pernambucana. Os poucos cinemas de rua que sobraram no Recife são vitrines para profissionais de várias áreas do cinema local, pois eles conseguem ter visibilidade em suas produções por serem espaços não comerciais.

PALAVRAS-CHAVE: Série de reportagens; Televisão; Cinemas de rua; Recife.

Introdução

Os cinemas do Recife tiveram uma longa trajetória até chegar aonde chegaram. A capital pernambucana tem uma participação importante na historiografia do cinema brasileiro. Isso é resultado de um longo processo de estruturação do campo cinematográfico local, iniciado ainda no início do Século XX. Entender os cinemas de rua do Recife hoje exige a reconstituição dessa trajetória, que consequentemente afetou tantas pessoas em suas vidas pessoais e profissionais.

O interesse pelo tema surgiu quando fui auxiliar em uma palestra com o tema “Cinemas do Recife e Heróis que Fizeram História”. Além de ver os arquivos de vídeos e fotos dos cinemas de rua da época, também me encantei pelos depoimentos das pessoas que estavam presentes. Sempre tive uma relação muito íntima com as artes no geral, e com o cinema não era diferente.

A série de reportagens “Cinemas de Rua do Recife” é composta por três episódios. O primeiro episódio consiste em apresentar a trajetória dos antigos cinemas de rua da cidade do Recife, citando os principais da época e a relação do público com esses cinemas.

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduado do Curso de Jornalismo da UNIAESO, e-mail: maiara.cavalcanti@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIAESO, e-mail: carolina.cavalcanti@prof.uniaeso.edu.br

O segundo episódio apresenta o declínio desses cinemas ao longo dos anos e os possíveis motivos que levaram ao fechamento desses locais. O terceiro episódio fala sobre os produtores locais, os desafios de viver nesse ramo em Pernambuco, e locais que ajudam na divulgação e preservação da memória do cinema pernambucano. A série foi produzida com a intenção de ser veiculada em emissoras públicas de televisão no estado, a exemplo da TV Pernambuco. Este trabalho aborda os principais aspectos e etapas na produção de uma série de reportagens para televisão. Também é resultado de uma pesquisa bibliográfica realizada através de livros, artigos, teses de pós-graduações, além de especialistas e pesquisadores.

O produto é voltado para um resgate histórico dos Cinemas do Recife. O tema foi abordado com o objetivo de conhecer melhor a história dos cinemas da capital pernambucana, mostrando como isso impactou e continua impactando a vida pessoal e profissional da população. Os profissionais da área do cinema em Pernambuco possuem os cinemas de rua como uma forma, se não a única, de ter visibilidade em suas produções.

Histórico

Para este trabalho foi necessário à realização de pesquisas sobre o histórico dos principais cinemas de rua do Recife. De acordo com Leite et al. (2018) as primeiras exhibições no Recife acontecem no início do século XX.

No Recife, as primeiras exhibições acontecem no início do século XX e nos mais diferentes lugares: teatros, festas de largo, circos, velódromo, cafés e casas de diversão. A primeira sala de exibição no Recife, Cosmorama, instalada na Rua da Imperatriz, é fundada no início do século. Depois veio o Teatrosópio na rua Dr. Rosa e Silva, nº 61 (antiga Imperatriz), a companhia de Arte e Bioscope Inglês (LEITE et al., 2018, p. 3).

Existem divergências com relação ao registro da primeira exibição de cinematográfica no Recife. Segundo Kate Saraiva (2013), se tem notícia de que o cinema foi introduzido pela primeira vez no Recife em 1895. Os teatros da cidade foram utilizados nesses primeiros anos de exhibições cinematográficas, e o Teatro de Santa Isabel foi o pioneiro a receber as companhias itinerantes de cinematógrafos. Porém, segundo a autora Lúcia Gaspar (2004) a partir de 1913, o Teatro de Santa Isabel funcionou também como cinema e era considerado na época o melhor do Recife e possuía a projeção mais clara, fixa e nítida entre os cinemas da cidade.

A primeira sessão ocorreu no dia 14 de junho de 1913, em grande estilo, com a inauguração no Recife, de um novo cinematógrafo, um aparelho inventado em 1895 pelos irmãos Lumière, capaz de produzir numa tela o movimento, por meio de uma sequência de fotografias. Havia sessões noturnas diárias e matinês aos sábados e domingos. Comodidade e conforto eram as vantagens apontadas pelo público diante dos concorrentes (GASPAR, 2004, p. 1).

De acordo com a autora Lúcia Gaspar (2004) o primeiro cinema do Recife foi o “Pathé”, localizado na Rua Nova, inaugurado no dia 27 de julho de 1909. O cinema possuía 320 cadeiras e um camarote para pessoas importantes, sendo seus proprietários Antônio Jovino da Fonseca e Francisco Guedes Pereira. Menos de quatro meses depois surgiu o cinema “Royal”, também situado na Rua Nova, pertencente à firma Ramos & Cia. Os dois cinemas passaram a disputar o público. O “Pathé” fechou antes de 1920. O “Royal” fechou no dia 1 de julho de 1954. No dia 26 de junho de 1910, foi inaugurado na rua da Imperatriz, nº 59, o teatro e cinema “Helvética”, de propriedade de Girot & Cia.

‘Um cassino familiar’, como gostavam de apregoar seus donos, que ajustava sua programação exibindo, além de concertos de variedades, filmes nos fins de semana. Possuía uma orquestra regida pelo maestro Dinis e servia sorvetes e refrescos em mesas colocadas no jardim, ao lado da sala de projeções. Em 1930, o ‘Helvética’ passou a ser um centro de diversões chamado de “Centre Goal” (GASPAR, 2004, p. 1).

Segundo a autora Kate Saraiva (2013), na Rua Nova existiram quatro cinemas funcionando simultaneamente. Eram o “Pathé”, “Royal”, “Vitória” e o “Crisântemo”. Lúcia Gaspar (2004) diz que “o ‘Polytheama’, localizado na Rua Barão de São Borja, no bairro da Boa Vista, foi inaugurado em 25 de outubro de 1911, sob a direção do escritor Eustórgio Vanderley”. Em 1932, passou a pertencer à empresa de Luiz Severiano Ribeiro. Nessa época também existia um cinema ao ar livre, o “Siri”, que projetava anúncios e filmes intercalados, de um sobrado para uma tela. Localizado na Praça da Independência, foi fechado pela Polícia no governo Dantas Barreto.

O “Moderno” foi inaugurado como teatro em 15 de maio de 1913, mas, a partir de 1915, passou a funcionar também como cinema no bairro de Santo Antônio. Seus primeiros proprietários foram o coronel Agostinho Bezerra da Silva Cavalcanti e Carneiro da Cunha & Cia. Segundo Gaspar (2004) o Teatro do Parque foi o primeiro cinema do Recife a exibir filmes sonoros.

O Teatro do Parque, localizado na Rua do Hospício, foi inaugurado no dia 24 de agosto de 1915 e passou a funcionar também como cinema a partir de 1921. Construído pelo Comendador Bento Luís de Aguiar, foi arrendado por Luiz Severiano Ribeiro em 1929, que no dia 24 de março de 1930, inaugurou o cinema sonoro no Recife, com o filme ‘A divina dama’ (GASPAR, 2004, p. 1).

Gaspar (2004, p.1) diz que “na década de 1940, foram inaugurados no Recife os cinemas “Art Palácio” e “Trianon”, no centro da cidade, mas ambos depois de uma fase áurea de público fecharam suas portas”. O cinema “São Luiz”, pertencente ao grupo de Luiz Severiano Ribeiro, foi inaugurado no térreo do Edifício Duarte Coelho, no dia 7 de setembro de 1952, com modernas e luxuosas instalações.

Cinemas mais recentes como o Veneza, na Rua do Hospício, e o Astor e o Ritz, localizados perto ao Parque 13 de Maio, também tiveram sua vez, mas também fecharam suas portas.

Ciclo do Recife e Ciclo Super 8

Para entender melhor a história do cinema em Pernambuco temos que reconstruir a trajetória cinematográfica desde o início. Segundo Nascimento (2013), Pernambuco viveu no início da década de 1920 um movimento que marcou a história da cinematografia local. O Ciclo do Recife foi o pioneiro do cinema mudo no Estado e um dos ciclos regionais mais produtivos do início do século XX no Brasil, produzindo treze filmes de ficção em aproximadamente oito anos.

Vista de longe, a extensa produção do Ciclo do Recife aparenta ter sido marcada pela empolgação de todos que a ele estiveram ligados. Mesmo enfrentando dificuldades – que iam desde a revelação da película até a exibição e distribuição dos filmes –, foram fundadas no período nove firmas produtoras diferentes e rivais (CUNHA FILHO, 2006, p. 7).

A primeira e maior produtora do Ciclo do Recife foi a “Aurora Film”. Nasceu em maio de 1922, juntando a união do conhecimento de fotografia de Chagas e do talento para escrever roteiros de Roiz. O estudante de engenharia, Ari Severo, se uniria a dupla pouco mais tarde, como o terceiro sócio da empresa que passa a operar com sede própria no bairro de São José em 1925, quando são compradas as instalações de Falangola e Cambiére (PUGLIA, 2015, p. 26). Segundo Nascimento (2013), apesar da dificuldade

financeira, os filmes se tornaram um sucesso nas estreias dos cinemas da cidade. Um dos principais espaços a receber as produções locais era o “Cine Royal”.

As estreias eram importantes acontecimentos da vida social recifense. Composta por uma grande recepção em clima de festa com ornamentação na fachada e banda de música para os convidados. Os filmes do Ciclo do Recife tornaram os cinemas da cidade importantes cenários de lazer e sociabilidade (NASCIMENTO, 2013, p.1).

Após o “Ciclo do Recife” se encerrar, os tempos de maior produção cinematográfica retomam com o “Ciclo Super 8”, cinema feito na bitola super 8mm em Pernambuco entre 1973 e 1983. Nesse período são produzidos mais de 200 filmes bancados muitas vezes pelos cineastas. Muitos dos jovens, como referência, de Pernambuco e do Brasil como um todo da década de 70, que viajavam para o exterior ou conheciam alguém que viajaria, adquiriam sua câmera Super 8, que era usada e foi criada, por ser de um tamanho relativamente pequeno, para filmagens domésticas de festas de aniversário por exemplo (GALVÃO, 2018).

Segundo Galvão (2018, p. 2) “o cinema Super 8 em Pernambuco inicia de fato na II Jornada Nordestina de curta metragem de Salvador, com onze filmes de vários cineastas locais.” Esses filmes eram em sua grande maioria curta metragens e participavam de festivais. Apesar de não existir intenção de conexão no movimento, os cineastas acabavam por deixar uma linha comum, sendo um cinema marcado pelo trabalho em conjunto, e mesmo feito em Pernambuco, não necessariamente era feito apenas por pernambucanos.

Série de Reportagens

Para Carvalho et al. (2010), a série de reportagens dispõe dos mesmos recursos técnicos e práticos utilizados na produção das outras reportagens. A diferença está na forma como se dará a abordagem, em episódios, e no tratamento dado ao material, pois dará ao telespectador a sensação de maior tempo de envolvimento com a temáticas apresentadas. “A reportagem especial não tem a pretensão de encerrar um assunto, pelo contrário. O objetivo é sempre ampliar a gama de informações para o telespectador, para que em última análise ele tire as próprias conclusões” (CARVALHO et al., 2010, p. 40).

A escolha de abordar a temática por meio de uma série de reportagens se deu por conta da quantidade de subtemas que podiam virar pauta. Foi necessário escutar diversas

peças que viveram essa época dos cinemas de rua do Recife, a fim de exemplificar a visão delas. Também foi necessário escutar profissionais, especialistas e pesquisadores da área para compreender a importância desses cinemas na história e como toda essa trajetória desses cinemas e o mundo cinematográfico local continuam influenciando hoje em dia na vida pessoal e profissional das pessoas.

Trabalho em Equipe

O jornalismo também é trabalho em equipe. É fácil perceber que um jornalista nunca anda sozinho. Escutar o colega de trabalho ao lado é importantíssimo em qualquer área de atuação, e estando aberto à interação com a equipe irá levar facilmente o produto final a um resultado satisfatório para todos os envolvidos. E quando a produção é no telejornalismo, é preciso, antes de tudo, união, como afirmam Carvalho et al. (2010, p.16).

Por conta do momento em que este trabalho teve início, durante a pandemia da covid-19, neste quesito houve dificuldades. Tivemos a substituição das aulas presenciais para aulas online por causa do decreto do governo que determina o fechamento de todas as escolas, universidades e demais estabelecimentos de ensino público ou privado motivado pela chegada do coronavírus em diversas regiões do estado de Pernambuco, dificultando assim, todo o andamento do trabalho. Inicialmente só fiz pesquisas e tentei construir as pautas e roteiros juntamente com a minha orientadora Ana Carolina Cavalcanti. O momento para as gravações foi um desafio. A faculdade não estava mais disponibilizando os técnicos para auxiliar no trabalho, e então tive que procurar por uma equipe sozinha. Contatei a equipe Plart Films, composta por Pietra Couto e Lucas Marçal, para me ajudar nessas gravações. Porém nem todos podiam ou queriam gravar presencialmente, fazendo com que eu tivesse que entrevistar as fontes de forma online sozinha na minha casa. Quem fez a edição dos vídeos foi o publicitário Mateus Pestana, que, posteriormente, também criou a vinheta da série em parceria com Nascimento da Silva.

Fontes

A série de reportagens teve a participação de 21 fontes distintas. Algumas delas conheci primeiramente na série de videorreportagens especiais do Diário de Pernambuco sobre os cinemas de rua do Recife, outras pessoas conheci por meio da minha participação na Conexão NERDeste, equipe que possui um portal de notícias sobre o mundo nerd e

produz eventos relacionados a cultura pop no geral. Também conheci mais pessoas por meio de indicações de quem trabalhou comigo na Assessoria de Comunicação Social da Universidade Federal Rural de Pernambuco, e ainda convidei alguns colegas e familiares. As fontes que participaram das reportagens são caracterizadas entre oficiais, independentes e testemunhais.

Dentre as 21 fontes que participaram da série, 3 são oficiais, 5 são independentes e 13 fontes são testemunhais. Nilson Lage afirma que (2001, p. 20-27):

[...] Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso; O testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva;

Kate Saraiva é Arquiteta e Urbanista e Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco, realiza pesquisas sobre as relações entre filmes e a história urbana, patrimônio histórico e cinemas de rua. É também professora na Faculdade de Olinda e autora do livro “Cinemas do Recife” (Funcultura, 2013) e uma das fundadoras do “Coletivo Cine Rua PE”. Conheci Kate por meio da série de videoreportagens especiais do Diário de Pernambuco sobre os cinemas de rua do Recife. Consegui o seu contato com o meu professor Luiz Joaquim. O papel dela nas reportagens é falar sobre o resultado de um levantamento que fez sobre os espaços de exibição audiovisual do Recife e sobre a decadência desses espaços, de maneira estrutural, até os dias atuais. Kate Saraiva é uma fonte independente.

Alexandre Figueirôa possui graduação em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, atualmente é professor adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Tem experiência na área do Jornalismo Cultural e Artes, com ênfase em Crítica Cinematográfica e Crítica Teatral, atuando principalmente nos seguintes temas: história do cinema, cinema brasileiro, cinema pernambucano, televisão e teatro. Consegui seu contato por meio dos jornalistas e ex-colegas de trabalho da Assessoria de Comunicação da UFRPE, José Henrique Mota e Julianne Mendonça. O papel de Alexandre nas reportagens é apresentar a trajetória dos antigos cinemas de rua da cidade do Recife, abordando desde o surgimento dos primeiros cinemas até o ápice da popularidade deles, citando os principais da época e a relação do público com esses cinemas. Ele também fala

sobre os movimentos cinematográficos do Recife, o “Ciclo do Recife” e o “Ciclo Super 8”. Alexandre é uma fonte independente.

Everaldo Júnior é formado em História pela Universidade de Pernambuco, com especialização em Ensino de História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e também é Guia de Turismo pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU). Já o conhecia anteriormente, pois ele é meu ex-colega de trabalho na equipe da Conexão NERDeste. O seu papel nas reportagens é abordar um pouco da trajetória dos cinemas e a relação da sociedade da época com a chegada deles de uma perspectiva externa e mais técnica. Ele também fala sobre o declínio dos cinemas de rua do Recife ao longo dos anos e possíveis motivos que levaram ao fechamento desses locais, e comenta sobre o surgimento dos cinemas de shopping e seus impactos na população recifense. Everaldo Júnior é uma fonte independente.

Priscila Urpia é jornalista, produtora, curadora. Na comunicação é CEO da “Bem Dita Pauta” e jornalista responsável da “Revista Philos”. No audiovisual atua na curadoria, júris de festivais e mostras audiovisuais, e na comunicação. É curadora audiovisual do “CinePhilos” e do Festival Internacional de Artes Gráficas de São Paulo – Finart. É uma das fundadoras do “Coletivo Cine Rua PE”. Consegui o seu contato por meio de Kate Saraiva. Seu papel na reportagem é falar sobre o declínio dos cinemas de rua do Recife ao longo dos anos e os possíveis motivos que levaram a isso, e a importância do Teatro do Parque na história do Cinema em Pernambuco. Priscila é uma fonte independente.

Geraldo Pinho é programador do cinema São Luiz, e já foi programador do Teatro do Parque. Eu também consegui o seu contato com o meu professor Luiz Joaquim e o conheci por meio das videorreportagens do Diário de Pernambuco. Ele fala sobre a importância do cinema São Luiz e fala sobre como a pandemia da covid-19 afeta a cadeia produtiva do cinema. Geraldo Pinho é uma fonte oficial.

Simone Osias é arquiteta pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e foi coordenadora de Requalificação do Projeto do Teatro do Parque. Consegui o seu contato por meio do jornalista Lucas Rigaud. O seu papel na reportagem é falar sobre a requalificação do Teatro do Parque e da importância que este local tem na sociedade recifense. Simone Osias é uma fonte oficial.

Ana Farache é doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. É formada em jornalismo pela

Universidade Católica de Pernambuco, e mestra em Comunicação pela UFPE. Atualmente coordena os Cinemas da Fundação e o museu da Cinemateca Pernambucana. Consegui seu contato por meio do jornalista e colega de classe, Eduardo Rolemberg. Ela fala sobre a importância dos Cinemas da Fundação e do museu da Cinemateca Pernambucana para a divulgação e preservação da história do cinema em Pernambuco. Ana Farache é uma fonte oficial.

Luiz Joaquim é mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Também é coordenador e professor da graduação em Cinema e Audiovisual do Centro Universitário Barros Melo. É editor, crítico de cinema e repórter do site CinemaEscrito.com, e vice-presidente da Abraccine. Consegui o seu contato por meio da jornalista e colega de classe, Giovanna Andrade. Seu papel na reportagem é falar sobre o movimento cinematográfico que aconteceu no Recife na década de 1970, o “Ciclo Super 8”. Luiz Joaquim é uma fonte independente.

Marcos Aurélio, Iara do Nascimento, Etiene Medeiros, João Medeiros, Edna Lúcia Correia, Amaro Gaspar, Jocilene Gaspar são pessoas que irão dar o seu depoimento e falar sobre a sua vivência nos cinemas de rua do Recife. Dentre eles temos, professores, costureira, aposentados, contador e psicóloga, respectivamente. Francisco Assis é ex-gerente da videolocadora “Papa Fita”, localizada no bairro de Água Fria. Consegui o seu contato por meio de Everaldo. Fernando Azevedo é cinegrafista e fotógrafo da Assessoria de Comunicação da UFRPE, o conheço, pois, é meu ex-colega de trabalho. Os dois falam sobre a vivência pessoal e profissional nos cinemas de rua do Recife e um pouco da diferença entre esses cinemas e as salas de shopping. Todas essas fontes são testemunhais.

Adriano Portela é jornalista e diretor do filme “Recife Assombrado”. Doutorando em Teoria da Literatura (UFPE), mestre em Teoria da Literatura (UFPE), professor de Comunicação e Artes, diretor de Cinema na Portela Produções e tem oito curtas realizados. Conheci Adriano por conta da Conexão NERDeste, mas consegui o seu contato com a jornalista e minha ex-colega de classe, Kamila Ferreira. É uma fonte testemunhal, pois o papel dele na reportagem é falar sobre sua experiência pessoal e profissional na área cinematográfica em Pernambuco.

Séphora Silva é Arquiteta e Urbanista formada pela UFPE. Fez curso de capacitação audiovisual pela Universidade de Guadalajara, no México, e se dedica a carreira de Diretora de Arte e Cenógrafa. Participou de vários vídeos e filmes, entre

eles, “*Maracatu, Maracatus*” e “*Amarelo Manga*”. Bruno Antônio é cineasta, roteirista e escritor. Tem trabalhado em produtos que variam de quadrinhos, séries de animação, livros e contos. Bruno também assina o roteiro de dois longas-metragens pernambucanos: Recife Assombrado, e Além da Lenda - O Filme. Atualmente, coordena a “Escola Viu Cine de Criatividade”. Eduarda Guerra é formada em Moda. Começou sua carreira como Figurinista em um projeto de TCC da diretora Tauana Uchôa, chamado “A Vida em uma Viagem”. Foi figurinista, também, do curta metragem “Conde Virgulino” e do longa metragem “Recife Assombrado”. Consegui todos esses contatos por meio de Adriano Portela. São fontes testemunhais, pois o papel deles na reportagem é falar sobre suas experiências profissionais na área cinematográfica em Pernambuco.

Descrição do Processo

Neste tópico vai ser abordado a descrição de todo o processo de produção da série de reportagens “Cinemas de Rua do Recife”. Meu interesse pelo tema surgiu em uma palestra que foi realizada no dia 30 de novembro de 2019 na livraria Jaqueira, no Recife Antigo. Como a Conexão NERDeste estava de frente na organização do evento, acabei participando como auxiliar. Meu ex-colega de trabalho, Everaldo Júnior, ministrou a palestra com o tema “Cinemas do Recife e Heróis que Fizeram História”. Além de ver os arquivos de vídeos e fotos dos cinemas da época, também me encantei pelos depoimentos das pessoas que estavam presentes na palestra. E como sempre fui muito ligada às artes, me parecia a história perfeita para contar.

Antes desse tema, eu já tinha pensado em mais outros dois. Por conta disso, não pude me preparar com tanta profundidade antes. Everaldo conseguiu me auxiliar nas primeiras informações, mas precisava ir mais a fundo. Após muitas pesquisas em livros, artigos, dissertações, reportagens e notícias sobre o assunto, me deparei com um tema muito amplo e acabei me assustando um pouco. Tentei filtrar os assuntos que queria e precisava abordar e tentei procurar por fontes. Muitas delas eu conheci nas videorreportagens especiais do Diário de Pernambuco sobre os cinemas de rua do Recife, outras eu consegui por indicações de alguns colegas de trabalho da Ascom UFRPE, Conexão NERDeste, ou colegas de classe. Alguns contatos eu consegui com o meu professor Luiz Joaquim, e outras pessoas como Adriano Portela, Everaldo Júnior, Eduardo Rolemberg, José Henrique Mota, Julianne Mendonça, Lucas Rigaud e Kate Saraiva.

Não pude finalizar o trabalho dentro da grade do curso de jornalismo da faculdade, então retomei o processo de produção em março de 2021. Nesta pausa, continuei me comunicando com algumas pessoas e fui obtendo mais informações, pois as pautas ainda não estavam totalmente fechadas. Passei o mês de março e abril trabalhando nas pautas, enquanto criava o roteiro de perguntas, para começar as gravações nos meses de março e abril. Para me auxiliar no direcionamento do trabalho e na correção dos textos, contratei a jornalista Bianca Oliveira. As propostas de cabeças e os roteiros das reportagens se encontram no Apêndice A e B no final deste relatório.

Após todo esse processo de pesquisa, fechamento das pautas, contato com as fontes e elaboração do roteiro de perguntas, comecei as gravações. O período de gravações foi entre o dia 29 de março e o dia 30 de abril. Apesar de ainda estarmos na pandemia da covid-19, consegui marcar gravações presenciais com algumas fontes. Para uma melhor captação da imagem, entrei em contato com a equipe Plart Films, composta por Pietra Couto e Lucas Marçal, para me ajudar nessas externas. Concordamos em fazer 4 externas. Também fiz algumas imagens de apoio e todas as passagens com o celular Xiami Redmi Note 9 Pro, e com a ajuda do fotógrafo Edson Felipe, durante o mês de maio. Muitas pessoas não se sentiram confortáveis em fazer presencialmente as entrevistas por conta da pandemia da covid-19, então fiz as entrevistas de forma online por videochamada pela plataforma “Zoom”.

Comecei o processo de decupagem do material gravado, que consiste em transcrever as entrevistas e selecionar os trechos que iriam compor a série de reportagens, nos meses de abril e maio. As imagens de apoio e as passagens foram captadas durante esse processo, pois fui concluindo os roteiros um por vez. No final de maio, todos os três roteiros das reportagens da série foram concluídos completamente, juntamente com a orientação e revisão de texto da minha orientadora.

Para a edição das reportagens, inicialmente optei pela ajuda do professor Danilo Lúcio. Porém, como a finalização dos roteiros acabou atrasando, fiquei com o prazo para terminar as edições um pouco apertado, e para o processo ficar mais fácil para mim optei por realizar a edição com o publicitário e editor de vídeo Mateus Pestana. E, posteriormente, também criou a vinheta da série em parceria com Nascimento da Silva.

A identidade visual presente na vinheta teve como principal referência a capa do livro “Cinemas do Recife” (fig. 01). O intuito desta vinheta é fazer com que o telespectador sinta que está voltando no tempo, visualizando as fotos de alguns cinemas

de rua do Recife da época, e vendo e ouvindo os efeitos de um rolo de uma câmera antigo (fig. 02). O nome da série aparece logo em seguida com um filtro retro para dar essa mesma ideia de volta ao passado (fig. 03).

Figura 01: Capa do livro “Cinemas do Recife” de Kate Saraiva



Fonte: cinemaescrito.com

Figura 02: Vinheta da série de reportagens "Cinemas de Rua do Recife"



Fonte: Captura de tela

Figura 03: Vinheta da série de reportagens "Cinemas de Rua do Recife"



Fonte: Captura de tela

Os equipamentos utilizados para gravação da série de reportagens foram as câmeras de vídeo D3300 Nikon, Canon T5i, Canon 7D com lente canon 50mm e 18-135, softbox greika, rebatedor, tripé e o celular Xiaomi Redmi Note 9 Pro. Para a captação de áudio foram utilizados os microfones lapela boyca M1 e boyca By-mm1 Cardióide. O material foi editado no programa Adobe Premiere Pro. A vinheta e o Lower Third foram criados no programa After Effects CC 2020.

Descrição do Produto

A série foi produzida com a intenção de ser veiculada em emissoras públicas de televisão no estado, a exemplo da TV Pernambuco. Para a realização da série de reportagens "Cinemas de Rua do Recife", foram investidos cerca de 9 meses de apuração das informações, pouco mais de 1 mês nas gravações, menos de 1 mês na decupagem do material gravado e cerca de 1 mês na edição. Foram gravadas 21 entrevistas no total. O produto contém três reportagens especiais e um teaser⁴. O tempo total da série é de 35 minutos e 25 segundos.

Na primeira reportagem⁵ da série de reportagens "Cinemas de Rua do Recife", foi mostrado a trajetória dos cinemas de rua do Recife e a relação deles com a sociedade da época. Os personagens dão o seu depoimento sobre as suas vivências naquela época, mostrando como era aquela realidade e os hábitos da população. A reportagem é finalizada com uma fala rápida da repórter sobre o início do declínio desses cinemas, puxando o gancho para a próxima reportagem. A reportagem conta com arquivos de imagem e vídeo de forma interna e externa de alguns desses cinemas de rua, recortes de edições de jornais da época, e trechos de filmes de época dos acervos de veículos de comunicação, como Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco, da Fundação Joaquim Nabuco, e imagens de internet. A primeira reportagem da série tem 12 minutos e 12 segundos.

Na segunda reportagem⁶ da série "Cinemas de Rua do Recife", pernambucanos de várias idades falam sobre a vivência pessoal e profissional que tiveram com os cinemas de rua do Recife, enfatizando a época do declínio desses cinemas. Pesquisadores e profissionais da área explicam alguns dos motivos desse declínio e apresentam de maneira breve a abertura dos cinemas de shopping no Recife. O Teatro do Parque e o Cinema São Luiz possuem uma grande importância na história dos cinemas em Pernambuco e são os únicos sobreviventes da época. A reportagem contém arquivos de imagem e vídeo de forma interna e externa de alguns desses cinemas de rua, recortes de edições de jornais da época, e trechos de filmes de época dos acervos de veículos de comunicação, como

⁴ Teaser da série de reportagens "Cinemas de Rua do Recife", disponível em https://youtu.be/gw_y_9CIIJY

⁵ Primeira reportagem da série "Cinemas de Rua do Recife", disponível em <https://youtu.be/dWmZ2OjsMxU>

⁶ Segunda reportagem da série "Cinemas de Rua do Recife", disponível em <https://youtu.be/iQOGXF4Xw3w>

Jornal do Commercio e Diario de Pernambuco, da Fundação Joaquim Nabuco, e imagens de internet. A reportagem tem 11 minutos e 55 segundos.

A terceira e última reportagem⁷ da série “Cinemas de Rua do Recife” aborda como o cinema de rua auxilia na divulgação das produções locais, sendo uma vitrine do cinema independente. Essas produções são exibidas não só no cinema São Luiz e Cineteatro do Parque, como também nos Cinemas da Fundação. Com esses cinemas fechados por causa da pandemia, qual o impacto gerado no mercado cinematográfico local? Além do “Ciclo do Recife”, que aconteceu na década de 1920, a cidade ainda experimentou um segundo movimento de cinema na década de 1970, o “Ciclo Super 8”. O cinema era feito na bitola Super-8mm e foram produzidos mais de 200 filmes.

Considerações Finais

Este trabalho colocou em foco a cultura do Recife por meios dos antigos cinemas de rua. É notório observar que a trajetória desse tema surge em meados dos anos de 1900, com os eventos cinematográficos Pernambucanos e os nossos cinemas que fizeram história e marcaram gerações. O cinema, conforme estudos anteriores revelam, pode exercer um importante papel no desenvolvimento social, cultural, econômico e urbano das cidades. Os filmes, por opção, podem refletir questões urbanas, estabelecer um debate sobre as cidades, de modo mais intenso, amplo, atingindo um número maior de pessoas que outras produções muitas vezes não alcançam.

Pude visualizar através das pesquisas como esse estudo mostra a importância do cinema para o aprendizado da história urbana, colaborando com a valorização da cultura local, utilizando o cinema como instrumento para conhecer melhor a cidade com a construção de uma imagem e identidade da cidade do Recife. Tenho a intenção de inscrever o produto em concursos na área e também tentar veiculá-lo em veículos públicos, como a TV Pernambuco. Além disso, também pretendo usar o material bibliográfico para me auxiliar em um futuro mestrado na área.

A realização desta série de reportagens foi um grande desafio pessoal e profissional. Enfrentei barreiras o tempo todo na realização deste trabalho, e percebi que consegui derrubar todas elas. Medo, insegurança, falta de criatividade, dificuldade na produção de todos os textos, tudo isso eu tive que superar, pois mesmo tendo muita ajuda

⁷ Terceira reportagem da série “Cinemas de Rua do Recife”, disponível em <https://youtu.be/2WxFXqoGtjE>

e orientação das pessoas, no final eu teria que organizar o material sozinha. A pandemia da covid-19 também foi um empecilho muito grande, pois eu teria um suporte maior da faculdade no momento da produção, os locais estariam abertos facilmente para gravação e os entrevistados estariam mais disponíveis para gravar presencialmente comigo. Mas tudo isso me mostrou que é possível fazer um bom trabalho mesmo em meio a tantas barreiras. Foi difícil, mas eu não poderia ter escolhido melhor tema ou formato.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA FILHO, Paulo C. **Relembrando o cinema pernambucano: dos arquivos de Jota Soares**. Recife: Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, 2006.

GALVÃO, Ghita Almeida. **Revisitando o “Ciclo do Super-8” em Pernambuco, das relações**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-PE, 12., 2018, Recife. Disponível em: <https://www.encontro2018.pe.anpuh.org/resources/anais/8/1535756129_ARQUIVO_artigoanpuhok.pdf>. Acesso em: 15 abr. de 2020.

GASPAR, Lúcia. **Cinemas antigos do Recife**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=561:cinemas-antigos-do-recife>. Acesso em: 20 mai. 2020.

LAGE, Nilson. **A reportagem - Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Brasil: Record, 2001. Disponível em: <http://www.issuu.com/emanuellimeira/docs/a_reportagem_teorica_e_tecnica_de_entrevista_e_pesquisa>. Acesso em: 1 jun. de 2020.

NASCIMENTO, Arthur Gustavo Lira do. **Uma cena pernambucana: História e Cinema no Recife de 1923 a 1945**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH BRASIL, 27., 2013, Natal. Disponível em: <http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/27/1371337834_ARQUIVO_ARTHUR.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

SARAIVA, Kate Vivianne Alcântara. **Cinemas do Recife**. Recife, FUNDARPE, 2013.